

Práticas religiosas germânicas à luz da Literatura: Natureza, Asgard e Céu
Prof. Dr. Álvaro A. Bragança Jr. (UFRJ/FL/PPGHC/BRATHAIR)

I. INTRODUÇÃO

Que a Literatura pode representar um dado ângulo de percepção sobre uma realidade social, mas nunca apreende a mesma como esta foi, não pode mais ser posto em dúvida por ninguém.

Sempre que se utilizar fontes literárias para a interpretação e para a exegese textual, corre-se o risco de que a argumentação movimente-se em círculos. Dever-se-ia ter que recorrer também a outros grupos de fontes, como, por exemplo, fontes jurídicas contemporâneas aos escritos em estudo. Dever-se-ia remontar aos procedimentos transmitidos por escrito sobre festas e cerimônias, às assim chamadas *ordines*, e comparar suas versões com aquelas das representações literárias. Para tanto serviriam outras fontes, que de quando em quando parecem informar sobre a realidade, tal como hoje ela se nos apresenta: documentos e fontes narrativas, doações dentre outras.

A ciência histórica compilou algum material, que permite o testemunho sobre a realidade da vida da nobreza. Aliada às descobertas arqueológicas, paleográficas e monumentais caminha-se, a passos lentos, mas seguros em relação a um melhor descortinamento da época que enfocaremos daqui a pouco. À *Medievística Germânica*, ciência ainda pouco conhecida entre nós, caberá a tarefa principal da investigação, no que diz respeito essencialmente à pesquisa do *background* literário e histórico.¹

Tanto o cientista da Literatura quanto o historiador devem tencionar a interseção discursiva, onde aliam-se as especificidades operacionais e metodológicas de ambas as áreas do saber com vistas a uma focalização micro e macroscopicamente maior. Por um lado, centra-se a observação em um dado momento, relatado em certo fragmento textual; por outro lado, amplia-se a esfera de abrangência da pesquisa, exatamente o que postula Marcel Detienne: compara-se! A História Comparada operacionaliza o caleidoscópio informativo. A própria – *Kulturwissenschaft* – em sentido moderno – conforme Doris

¹ Entendemos os termos em alemão **Germanistische Mediävistik** como a ciência que tem por finalidade estudar uma determinada língua e a literatura compilada nesta língua durante a Idade Média e que as considera não como um fenômeno isolado, mas as contextualiza em uma época com sua cultura e civilização específicas. A *Medievística germanística em alemão*, como propomos, prende-se aos estudos de **Kulturwissenschaft**, ou **Cultural Studies** (*apud* BRANDT: 1999,15-16; BACHMANN-MEDICK: 1996, 7-64)

Bachmann-Medick a caracteriza, fornece elementos importantes para a Medievalística Germânica e é de grande valor como metodologia pelas suas premissas e inserção na práxis da análise, pois as informações sobre a mentalidade das pessoas, a hierarquia social, concepções de mundo e condições de vida reais e idealizadas desde a época da Grande Migração até o século XI são passíveis de confronto com a realidade histórica. Entretanto, propomo-nos a considerar até que ponto textos e contextos passíveis de análise literária podem funcionar como documentos da vida efetivamente vivida na Alta Idade Média e, mais especificamente, em uma das atividades mais primevas do **Homo sapiens**: sua relação com o sobre-natural, com o conceito daquilo que podemos chamar deus(es).

II. PALAVRAS MÁGICAS COMO RELIGAÇÃO??

As práticas religiosas trazem consigo não apenas os símbolos relacionados com a união do humano ao sagrado. Mais que isso, elas representam um exercício de poder, no que os sacerdotes são, via de regra, os elementos humanos que (re)ligam o homem à divindade evocada. Do mesmo modo, utilizam-se objetos, flora e fauna como meios e fins de tais evocações. Fórmulas de **encantamento**, de cura e de esconjuro são comuns dentro das comunidades germânicas continentais até meados do século XI, quando o Cristianismo se afigura definitivamente como religião dominante. Até então, sente-se um processo de incorporação e adaptação de determinadas estruturas simbólicas pagãs pela religião monoteísta. As áreas de interpolação com o Cristianismo são inúmeras e as passagens textuais nos evidenciarão isso.

Aliás, uma definição exata da conceituação de magia e religião ainda apresenta-se como tarefa desafiadora. Segundo Paula Montero (1990, p. 08), citando James Frazer dois seriam os critérios distintivos: para o antropólogo, a magia *trabalharia com forças que seriam imanentes à natureza, enquanto a religião veneraria forças transcendententes; a magia se definiria como um culto individual, tendendo para o privado, enquanto a religião constituiria um fenômeno coletivo e público*. Tal proposta, porém, não sedimenta os limites entre aquelas, pois o fenômeno da interpenetração do mágico na esfera do religioso e vice-versa é evidente.

Contudo, pode-se falar de uma categorização do pensamento mágico, expressa por três leis arroladas por Montero (1990, p.21-31):

1. Lei da contigüidade – toda parte é equivalente ao todo a que pertence. Os cabelos, a saliva, as unhas de uma pessoa, por exemplo, a representam integralmente. O mágico pode então, atuando ritualmente sobre esses elementos, produzir os efeitos desejados sobre o indivíduo;
2. Lei da similaridade – o semelhante evoca o semelhante; o semelhante age sobre o semelhante e particularmente cura o semelhante – magia simpática;
3. lei da contrariedade – contrastiva: o semelhante faz partir o semelhante e suscita seu contrário, como, por exemplo, quando se evoca a chuva através de um ritual em que se despeja água sobre o solo, visa-se fazer desaparecer a seca.

Como, porém, ambas se manifestam nas fórmulas mágicas germânicas? Consideremos alguns tópicos.

III. FÓRMULAS MÁGICAS: MAGIA, RELIGIÃO E POESIA

A poesia mais antiga em solo alemão é poesia pagã de tribos e expressão de fidelidade a um chefe de que só muitos exemplos chegaram até nós, conservados, sobretudo, em testemunhos de épocas posteriores. Constitui um monumento dialetal em linguagem do povo, sendo assim possível determinar pelo menos, com base numa análise geográfico-lingüística que geralmente abrange a fonologia e a ortografia, o local ou o espaço lingüístico de sua fixação definitiva por escrito. A palavra pronunciada ou cantada em tom solene era um acompanhamento de rituais mágicos em que se implorava a proteção e o auxílio das divindades da tribo. Como Meyer bem define (s.d, p.136), *em vez de ser reunida à runa, a sentença ou canto pode sr ligada a uma ação simbólica que represente a vontade do suplicante*. Para o estudioso alemão, esta seria a verdadeira sentença mágica – **Zauberspruch**, que teria na ação expressa pelas palavras a parte principal da magia, o que ele denomina ação simbólica.

A esta devem ter-se juntado versos com que se acompanhavam sacrifícios, oráculos e fórmulas mágicas semelhantes aos que se tornaram conhecidos também fora do espaço cultural europeu em povos organizados tribalmente. Nestas fórmulas mágicas, há que se incluir em toda a amplitude as preocupações e as expectativas quotidianas de uma sociedade de troca que vivia da caça, da agricultura e da criação de gado.

Do ponto de vista social, como afirma Johnni Langer, citando Boyer (1987,p. 22), “a comunidade familiar era o único suporte e base da religião pagã, essencialmente rural e sem

centralização: o elemento primordial da mentalidade germano-nórdica era o *aett* ou o *kyn*, a família ou o parentesco. A magia era de caráter muito mais divinatório do que conjuratório ou propiciatório (Boyer, 20004a: p. 340).

Do ponto de vista das práticas religiosas, pode-se arrolar as seguintes informações:

- a. eram os chefes de famílias que dirigiam os serviços religiosos;
- b. as mulheres tinham papel como profetisas ou mágicas;
- c. utilização das runas, alfabeto para conversar com os deuses;
- d. as festas principais eram realizadas ao ar livre, próximos de fontes ou árvores (festa do solstício, da lua nova);
- e. havia três reuniões anuais para se obter boa colheita, crescimento das plantas e vitória na guerra;
- f. havia sacrifícios de animais e de seres humanos;
- g. presença constante de deuses do panteão germânico – Tacitus menciona Tuisto, Buri, Marin e Ingo;
- h. crença na escatologia germânica – fim e início do mundo.

Para Louis Rodrigues (1994, p. 29) funcionam *os encantamentos mágicos contra desordens naturais, enfermidades e feitiços hostis ou como protetores gerais*. Meyer também sumariza os objetivos da magia como de cura, para reverter o processo causado por ferimentos demoníacos² e de proteção, a fim de se impedir os ferimentos. Para ele, as bênçãos e maldições são ações mágicas, onde se pede a ajuda ou a ira de uma determinada divindade com relação à solicitação feita.

Sobre o tema, assevera o estudioso,

Exemplos de bênçãos e maldições são conservados várias vezes e em parte de forma bastante detalhada. Os casos principais de uso eficaz são: primeiramente o uso privado em maldições ou bênçãos através do prejudicado ou de seus protetores; ou em ocasiões especiais (bênçãos por ocasião de uma despedida) ou sob seu efeito imediato... (s.d., p. 140)

O caráter de eficácia de uma ação mágica também dependia dos auspícios da natureza, que, desde épocas imemoriais, servem ao homem como indicadores das vontades

² - Entenda-se demoníacos por proveniente de espíritos, em grego clássico, no singular, **daemon**.

divinas. Meyer (s.d., p.142-143) elenca, e.g., algumas formas de uso público de auspícios sob responsabilidade de um vate ou de um encantador:

1. leitura das runas;
2. sorteio de respostas com “Sim” ou “Não” por determinadas pessoas;
3. perguntas a objetos, em cuja forma o ser humano não pode influenciar, como, por exemplo, por ocasião de festividades públicas no ato da verificação das entranhas de um animal destinado ao sacrifício;

Como tipos de auspícios, alguns já retratados por Tacitus, teríamos os seguintes:

1. relinchar de cavalos sagrados (como com os persas). Ao bufarem e relincharem, a divindade fala através deles;
2. o vôo dos pássaros, em especial dos corvos sagrados, pois eles voam na direção de suas presas;
3. direção e ruído do vento;
4. o canto do bardo;³
5. os sonhos, pois a alma em estado livre ganha força mágica.

Derolez (1974, p. 223) também acrescenta que *os deuses são invocados antes do lançamento da sorte, dos sacrifícios, por ocasião da abertura da assembléia da tribo, antes de um duelo ou batalha campal, por ocasião da escolha de uma nova região de assentamento*. Para os romanos, segundo o autor citado, os germanos possuiriam três grandes tipos de artes mágicas: as *incantationes* (conjuros), os *maleficia* (malefícios) e os *veneficia* (poções mágicas)

Interessantíssimo ponto de convergência dessas reflexões dos autores citados é o fato de que em **encantamento** está presente o sema **canto**, portanto é conferida à expressão mono ou dialógica com a divindade o caráter de uma certa musicalidade, talvez benfazeja aos ouvidos e mente do evocador.

DuBois (1999, p. 106) afirma sobre as fórmulas de encantamento – **charms** – (cf. o português “encantar”), que estas apresentam forte teor de persuasão para convencer o ouvinte da relação próxima e fiel, por ele ambicionada, entre a deidade e seu seguidor na

³ -... têm ainda um canto de guerra chamado bardit, o qual, pela maneira como ao centuam, lhes inflama a coragem e lhes faz augurar da sorte da luta que vai travar-se por que fazem tremem ou tremem eles próprios, segundo a maneira como o exército em batalha entoou o canto. (**apud** Tacitus, *Germânia*, livro 3).

Terra. Para o autor, há dez elementos freqüentes presentes nas fórmulas mágicas, sendo que as cinco seguintes são recorrentes à forma própria do encantamento:

1. contém uma porção épica; 2. apelo a um espírito superior; 3. a enunciação ou escritura de nomes ou letras poderosas; 4. a listagem de caminhos para atar ou libertar do ferimento ofensivo e 5. e a jactância de poder do recitador sobre o inimigo. (1999,107)

As *Fórmulas mágicas de Merseburg* são textos desse tipo. A segunda inicia-se com um relato épico, contido em dois versos longos aliterados: Phol e Wotan diri0gem-se a cavalo para a floresta, quando um dos cavalos torce uma pata. É a um segundo nível de enunciação que se processa a tentativa do esconjuro mágico, tentativa empreendida por três vezes, por que nas duas primeiras em nada resulta. Apenas quando o próprio Wotan é invocado na sua qualidade de patrono da magia é que se anuncia a cura do cavalo. O deus cura a pata do cavalo de Baldur manualmente. Como diz DuBois (1999, p.108), *lembrando ao deus de sua benevolência e sucesso no passado, o executor ou possuidor do encantamento parece instigá-lo a uma ação similar no presente. As linhas subseqüentes do encantamento podem representar uma citação das próprias palavras de cura do deus ou um sumário de seus feitos*. Lembra-se da capacidade do deus supremo em curar. Conforme Langer (2005, v.2), *Óðinn* foi muito venerado no norte da Alemanha, ilha de Gotland, Dinamarca e Suécia, mas principalmente pela aristocracia nestas duas últimas regiões. Alguns indícios apontam a origem de seu culto na ilha de Gotland (Davidson, 2004: p. 45). O odinismo instalou-se na Escandinávia depois do culto aos Vanes (Davidson, 2004: p. 126). Os cultos a esta divindade foram associados ao poder real. A influência deste deus aumentou a figura do rei como preponderante na comunidade, especialmente durante o período de centralização das monarquias durante o século X d.C. (Davidson, 2001: p. 100). Seguem-se depois a um terceiro nível de enunciação, imperativo, a invocação da doença e a ordem de cura.

Der zweite Merseburger Zauberspruch – século X, origem anterior

Phol ende Uodan vuoren zi holza.

dû uuart demo Balderes volon sîn vuoze birenkit.

thû biguolen Sinthgunt, Sunna era suister,

thû biguolen Frîja; Volla era suister;

thû biguolen Uuodan, sô hê uuola conda:
sôse bënrenkî, sôse bluotrenkî, sôse lidirenkî:
bên zi bêna, bluot zi bluoda,
lid zi gelidin, sôse gelfimida sîn!

Tradução

Vol e Wotan foram ao bosque.
Aí o potro de Baldur torceu a pata.
Neste lugar rezaram sobre ele Sinthgunt e Sonne, sua irmã
Neste lugar rezaram sobre ele Frija e Volla, sua irmã
Neste lugar rezou sobre ele Wotan, tão bem quanto pôde:
Seja torção de pé, seja de sangue, seja dos membros
Osso a osso, sangue a sangue,
Membro a membro, como se fossem colados.

A estrutura clara da segunda Fórmula, a alternância regular dos vários níveis de enunciação nos quais é possível distinguir forças mágicas que desencadeiam acontecimentos, vem provar que esta fórmula teve a sua origem num longínquo passado germânico. A confiança tanto na vontade de ajudar quanto no poder de atuação do universo das divindades germânicas mantém-se intacta e é expressa com convicção. Estratégias similares são seguidas em encantamentos cristãos endereçados a Cristo e à Maria, conforme demonstra DuBois (1999, p. 108)

O poder das palavras pode ser facilmente estendido à ortografia está presente também nos conjuros. Luiz Lerate em seus comentários sobre textos anglo-saxões antigos (s.d,171) define conjuros como

Antiga ciência, artes de bruxaria, cristianismo e superstição, em vivo e sugestivo amálgama, que dão seu tom peculiar aos conjuros e “curas” (*lacnunga*) que em número abundante são recolhidas nas coleções de receitas e herbários anglo-saxões.

Com isso, mesmo com a incidência de outros fatores adjacentes, podemos afirmar que o homem se define como tal a partir de um entrecruzamento entre a linguagem e o poder.

Desde um ponto de vista antropológico, tem-se comprovado mediante o estudo de culturas orais primárias que as palavras são portadoras de poder. Mais ainda, o

“feito de que os povos orais (...) consideram que **as palavras entranham um potencial mágico** e está claramente vinculado (...) com seu sentido da palavra como, por necessidade, falada, fonada e portanto, acionada por um poder”. (Ong, 1993: 39).

Em islandês antigo, as seguintes palavras portavam semas relacionados com a magia e o conhecimento das forças mágicas:

1. *galdur* – arte mágica;
2. *seiðr* – canto;
3. *ffjölkyngi* – poderes múltiplos;
4. *fyrnska* – saber antigo;
5. *forneskja* – antigos tempos pagãos;
6. *fróðleiknur* – conhecimento;
7. *margkunnindi* – conhecimento múltiplo.⁴

Em uma perspectiva mais estrita, Johnni Langer (2005) resume as principais tipologias de magia existentes entre os vikings:

⁴ - apud LANGER, Johnni. Religião e magia entre os Vikings: uma sistematização historiográfica. In: *Brathair*, 5 (2), 2005: p.-55-82

CLASSIFICAÇÃO DA MAGIA VIKING (BOYER, PRICE, DUBOIS E LANGER)

MAGIA DOMÉSTICA	MAGIA MARCIAL
<p align="center"><i>Adivinhatória</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Métodos oníricos - Rituais adivinhatórios - Viagens xamânicas - Comunicações/mediações com os mortos/deuses 	<p align="center"><i>Defensiva</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Prover invulnerabilidade na batalha - Consertar armamentos e armaduras
<p align="center"><i>Amorosa</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Poções e/ou runas 	<p align="center"><i>Ofensiva</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Instalar o caos e confusão no inimigo - Retardar o movimento do inimigo - Matar pessoas - Matar feiticeiros inimigos
<p align="center"><i>Preventiva/curativa</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Conceder boa sorte e tirar má sorte - Manipular o clima - Medicina mágica: ervas e poder - <i>Magia rúnica</i>: protetora, propiciatória, conjurativa. 	
<p align="center"><i>Ofensiva</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - Atrair animais ou pessoas - Causar pequenos danos para pessoas, animais ou propriedades (“mau-olhado”, “mal da língua”) 	

Paulatinamente, com a introdução e afirmação do Cristianismo como religião dominante no mundo germânico anglo-saxão, o contato com o sobrenatural – **super Natura** – um dos campos de atuação das práticas mágicas, a medicina, foi apropriado pelo discurso científico cristão, na medida em que o conhecimento e uso de ervas e raízes para fins medicinais denotava conhecimento das forças da natureza, criação do Deus único.⁵ Por isso,

a adaptação de práticas religiosas pagãs para propósitos cristãos (conforme conselho de São Gregório Magno a Agostinho da Cantuária) levaria em conta a preservação de receitas médicas – especialmente herbárias – em casas religiosas, nos manuscritos dos séculos dez e onze, de aproximadamente doze encantamentos métricos intercalados no meio de direções cerimoniais em prosas e em assuntos correlatos. (**apud** Rodrigues, 1994, p. 29-30).

Em síntese, Odin, Thor, Niörd, Freya, Baldur, Tyr, deuses **Asen** e **Wanen** aparecem juntamente com elementos do ideário cristão. Temas do cotidiano coletivo juntam-se à invocações eminentemente pessoais. Curas, proteção e afastamento de malefícios são expressos nessas fórmulas mágicas, que ora exemplificaremos:

IV. EXEMPLOS DE FÓRMULAS MÁGICAS

IV.1 **Der Wiener Hundesege**

Fórmula de benção em antigo-alto-alemão (bávaro) – um pedido a Cristo e a São Martinho para proteger os cachorros dos pastores, especialmente dos lobos - +/-século X em Viena

Christ uuart gaboren êr uuolf ode diob do uuas sce marti christas hirti. der heiligo christ unta sce marti der gauuerdo uualten hiuta dero hunto dero zohono daz in uuolf noh uulpa za scedin uuerdan ne megî se uuara se geloufan uualdes ode ueeges ode heido
der heiligo christ unta sce marti de frumma mir sa hiuto alla hera heim gasunta

⁵ -Lembremo-nos de Hildegarda de Bingen, por exemplo, que no século XI receitava diversos tipos de ervas, raízes e elementos naturais contra variadas enfermidades.

Tradução

Cristo nasceu antes dos lobos e dos ladrões. São Martinho era então o pastor de Cristo. Que Santo Cristo e São Martinho concedam hoje aos cães e cadelas cumprirem seus deveres, para que nem o lobo nem a loba não lhes possam lhes causar dano, para onde quer que corram, bosque, caminhos e prados.

Que o Santo Cristo e São Martinho os conduza hoje a todos solicitamente com saúde ao meu lar.

IV.2 *Der erste Merseburger Zauberspruch* - século X, origem anterior

Eiris sazun idisi . sazun hera duoder .
suma hapt heptidun . suma heri lezidun .
suma clubedun umbi cuniouuidi :
insprinc haptbandun . inuar uigandun .

Tradução

Um dia sentaram-se as valquírias – sentaram-se por aqui e por lá.

Umas prenderam vínculos, outras sustaram os exércitos.

Umas mexeram nas amarras:

Solte-se dos grilhões – escape aos inimigos!

IV.3 *Der Lorscher Bienesege*n - século 10 em um manuscrito de Lorsch

Kirst, imbi ist hûcze! nû fluic dû, vihu mînaz, hera
fridu frêno in godes munt heim xi commone gisunt.
sizi, sizi, bîna: inbôt dir sancte Maria.
huroleb ni habe dû: zi holce ni flûc dû,
noh dû mir nindrinnês, noh dû mir nintuinnês.
sizi vilu stillo, uuirki godes uuillon.

Tradução

Cristo, as abelhas estão em enxame! Agora, meus bichinhos, voai para cá e para lá,

para que possais retornar sãs à casa na paz de Deus e em Sua proteção.

Senta-te, senta-te, abelha! Santa Maria assim te pede.

Não tens permissão de voar para a floresta,

Nem deves escapar de mim, nem fugir.

Senta-te bem tranqüila e faça a vontade de Deus.

IV.4 **Pro Nessia/Contra uermes** século IX - Tegernsee

Gang uz, nesso, mit niun nessinchilidon,
uz fonna marge in deo adra, vonna den adrun in daz fleisk,
fonna demu fleiske in daz fel, fonna demo velle in diz tulli.

Ter pater noster

Gang ut, nesso, mit nigun nessiklinon,
ut fana themo marge an that ben,
ut fan themo bene an that flesg,
ut fan themo flegske an thia hud,
ut fan thera hud an thesa starla!

Drohtin, uuerthe so!

Tradução

Saia, verme, com nove outros verminhos do tutano para as artérias, das artérias para a carne, da carne para a pele, da pele para esta estaca. Três vezes Pai-Nosso.

Saia verme, com nove outros verminhos, do tutano para os ossos, dos ossos para a carne, da carne para a pele, da pele para esta estaca, para que te possam . Senhor, que assim seja!

IV.5 **For loss of cattle**

þonne þe mon ærest secge þæt þin ceap sy losod, þonne
cweð þu ærest, ær þu elles hwæt cweþe:
Bæðleem hatte seo buruh þe Crist on acænned wæs,
seo is gemærsod geond ealne middangeard;

5

swa þyos dæd for monnum mære gewurþe
þurh þa haligan Cristes rode! Amen. Gebide þe þonne
þriwa east and cweþ þonne þriwa: *Crux Christi ab oriente
reducað*. Gebide þe þonne þriwa west and cweð þonne
þriwa: *Crux Christi ab occidente reducat*. Gebide þe

10

þonne þriwa suð and cweþ þriwa: *Crux Christi ab austro
reducat*. Gebide þonne þriwa norð and cweð þriwa: *Crux
Christi ab aquilone reducað, crux Christi abscondita est et*

15 *inuenta est.* Iudeas Crist ahengon, dydon dæda þa
wyrrestan, hælon þæt hy forhelan ne mihtan. Swa þeos
dæd nænige þinga **forholen** ne wurþe þurh þa haligan
Cristes rode. Amen.

Tradução

Para a perda de gado

Tão logo alguém lhe disser que seus bens estão perdidos, então você deve dizer, em primeiro lugar, antes de qualquer coisa:

Como a cidade chamada Belém, onde cristo nasceu é bem conhecida em todo o mundo, então possa esse feito ser conhecido entre os homens através da santa cruz de Cristo! Amén.

Então adorar três vezes na direção do leste e dizer três vezes: *Crux Christi ab oriente reducað.* Então adorar três vezes na direção do oeste e dizer três vezes: *Crux Christi ab occidente reducat.* Então adorar três vezes na direção do sul e dizer três vezes: *Crux Christi ab austro reducat.* Então adorar três vezes na direção do norte e dizer três vezes: *Crux Christi ab aquilone reducað, crux Christi abscondita est et inuenta est.* Os judeus enforcaram Cristo, trataram-no da mais perversa forma, esconderam o que eles não podiam manter escondido. Então não possa este feito ser escondido de jeito algum, através da santa cruz de Cristo. Amén.

IV.6 Against a Wen

Wenne, wenne, wenchichenne,
her ne scealt þu timbrien, ne nenne tun habben,
ac þu scealt north eonene to þan nihgan berhge,
þer þu hauest, ermig, enne broþer.
5
He þe sceal legge leaf et heafde.
Under fot **wolues**, under ueþer earnes,
under earnes clea, a þu geweornie.
Clinge þu alswa col on heorþe,
scring þu alswa **scerne** awage,
10
and weorne alswa weter on anbre.
Swa litel þu gewurþe alswa linsetcorn,
and miccli lesse alswa anes handwurmes hupeban,
and alswa litel þu gewurþe þet þu nawiht gewurþe.

Tradução

Contra um tumor

Pegue terra, espalhe-a com tua mão direita sob teu pé direito e diga:

Eu a mantenho sob o pé; eu a encontrei.
Veja, a terra pode prevalecer contra toda criatura,
e contra a malícia, e contra a negligência,
e contra a poderosa língua do homem.

E então arremesse pedrinhas sobre elas,
quando enxamearem e diga:

Fiquem, mulheres vitoriosas, desçam à terra!

Nunca voem selvagememente para a floresta.

Sejam tão cuidadosas com meu bem

Quanto cada homem é com comida e casa.

IV.7 For a Swarm of Bees

Wið ymbe nim eorþan, oferweorp mid þinre swiþran
handa under þinum swiþran fet, and cwet:
Fo ic under fot, funde ic hit.
Hwæt, eorðe mæg wið ealra wihta gehwilce

5

and wið andan and wið æminde
and wið þa micelan mannes tungan.
And **wiððon** forweorp ofer greot, þonne hi swirman, and cweð:
Sitte ge, sigewif, sigað to eorþan!
Næfre ge wilde to wuda fleogan.

10

Beo ge swa gemindige mines godes,
swa bið manna gehwilc metes and eþeles.

Tradução

Para um enxame de abelhas

Pegue terra. Espalhe-a com tua mão direita sob teu pé direito e diga:

Eu a mantenho sob o pé; eu a encontrei.
Vide, a terra pode prevalecer contra toda criatura,
e contra a malícia, e contra a negligência,
e contra a poderosa língua do homem.

E então arremesse pedrinhas sobre elas,
quando enxamearem, e diga:

Fiquem, mulheres vitoriosas, desçam à terra!

Nunca voem como selvagens para a floresta.

Sejam tão cuidadosas com meu bem

Quanto cada homem é com comida e casa.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Natureza, a mãe-terra, Asgard, o paraíso dos deuses germânicos e o Céu, objetivo do cristão. Nesta tríade sente-se o pensamento do homem germânico em constante mutação desde suas tradições derivadas de sua vida no **pagus** até o encerramento do ciclo com a promessa da vida eterna ao lado do Deus único. Circundado por uma natureza plena de sortilégios, augúrios e manifestações do mundo divino, cabia àquele procurar entender e desvendar o código, o canal de comunicação com o plano superior. Através das plantas, dos animais, das curas, das libertações, o homem segue sua vida, com esperanças e temores, incertezas, alegrias e inquietações. As fórmulas mágicas, de invocação, como queiram, servem, pois, para mostrar ao homem pós-moderno o quão primitivo – na acepção etimológica do termo - ele ainda é, pois para espantar o azar um bom galho de arruda e um sinal da cruz convêm, pelo menos a uma boa parcela daqueles que se chamam brasileiros!

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHMANN-MEDICK, Doris. (Hrsg.) *Kultur als Text – die anthropologische Wende in der Literaturwissenschaft*. Frankfurt am Main: Fischer, 1996.

BEUTIN, Wolfgang *et al.* *História da literatura alemã*. Lisboa: Cosmos & Apáginastantas, 1993. v.1.

BOUTIER, Jean & JULIA, Dominique. *Passados recompostos: campos e canteiros da História*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/FGV, 1998.

BOYER, Régis. *Yggdrasill: La religion des anciens scandinaves*. Paris: Payot, 1981.

_____. Essai sur le mentalité religieuse des anciens scandinaves. In: *Le Christ des barbares, le monde nordique (IX-XII siècle)*. Paris: Les Éditions Du Cerf, 1987.

_____. *La grande déesse du Nord*. Paris: Berg International, 1995.

CHALOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Org.) *A História contada – capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger. *História cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1987.

DEROLEZ, R. *Götter und Mythen der Germanen*. Wiesbaden: Suchier & Englisch, 1974.

- DUBOIS, Thomas A. *Nordic religions in the viking age*. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- LANGER, Johnni. Religião e magia entre os Vikings: uma sistematização historiográfica. In: *Brathair*, 5 (2), 2005: p.-55-82
- _____. The origins of the imaginary Viking. *Viking Heritage Magazine*, University of Gotland/Centre for Baltic Studies. Visby (Sweden), n. 4, 2002a.
- _____. O mito do dragão na Escandinávia (primeira parte: período pré-Viking). *Revista Brathair de estudos célticos e germânicos*, vol. 3, n. 1, 2003b. www.brathair.com
- LERATE, Luiz. *Beowulf y otros poemas anglosajones*. Madrid: Alianza Tres, s.d.
- LEXER, Matthias. *Mittelhochdeutsches Taschenwörterbuch*. 35. Aufl. Stuttgart: S. Hirzel Verlag, 1979.
- LOYN, H. R. (Org.) *Dicionário da Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- MEYER, R.M. *Altgermanische Religionsgeschichte*. Essen: Athenaion, /o.D./
- MONTERO, Paula. *Magia e pensamento mágico*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- RODRIGUES, Louis. *Anglo-saxon verse charms, maxims & heroic legends*. Middlesex: Anglo-Saxon Books, 1994.
- PÁLSSON, Gísli. The power of words and the context of witchcraft. *The textual life of savants: ethnography, Iceland, and the linguistic turn*. Switzerland: Harwood, 1995.
- SALZER, Anselm & TUNK, Eduard von. *Illustrierte Geschichte der deutschen Literatur*. Köln: Naumann & Göbel, /o.D./. Bd. 1.
- TACITUS, Caius Cornelius. *A Germânia*. Tradução de Adolfo Casais Monteiro. 2ª ed. Lisboa; Inquérito, s.d.
- THEODOR, Erwin. A Alemanha no mundo medieval. In: MONGELLI, Lênia Márcia. (Org.). *Mudanças e rumos: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII)*. Cotia: Íbis, 1997.